



## LUTO DOS FAMILIARES DE DESAPARECIDOS FORÇADOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME AINDA ESTOU AQUI

### MOURNING OF FAMILIES OF THE FORCEDLY DISAPPEARED: AN ANALYSIS MADE FROM THE MOVIE I'M STILL HERE

Melissa Oliveira França<sup>1</sup>

Solange Silva Ribeiro<sup>1</sup>

Isabella Costa Franco<sup>2</sup>

Esse trabalho foi proposto pelo curso de Psicologia da UNIFIMES no primeiro semestre de 2025 e analisa os impactos do desaparecimento forçado durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) a partir do filme *Ainda Estou Aqui* (2024). A obra cinematográfica retrata a trajetória real de Eunice Paiva, que enfrentou o desaparecimento de seu marido, Rubens Paiva, no período da Ditadura Militar no Brasil. É exposto como a negação do Estado juntamente com a falta de um desfecho das histórias interrompidas, impede a elaboração do luto e cria um sofrimento sem fim nos familiares dos desaparecidos. O objetivo é fazer a análise fílmica relacionando a um artigo que aborda o tema da busca pela verdade e pela justiça impactando o processo de luto e ressignificação dos familiares de desaparecidos forçados. A metodologia se compõe pela leitura, análise e síntese interpretativa do artigo: “Funções da verdade e da justiça na elaboração do luto de familiares de desaparecidos forçados” dos autores Rafael Andrés Patiño Orozco, Francisco Ramos de Farias e Antonio Marcos Chaves, encontrado no site Dialnet, a partir da pesquisa pelos descritores: “desaparecido forçado; luto; ditadura militar; psicologia.” Os resultados indicam que o desaparecimento forçado de um ente querido, além da tristeza e da saudade, coloca os familiares em um estado de luto inacabável, no qual a ausência do corpo impossibilita os rituais de despedida e impede a aceitação da perda. A verdade e a justiça são elementos chave na ressignificação da dor, pois o esclarecimento dos fatos e a condenação dos responsáveis permitem que os familiares sejam desmarginalizados, honrem a memória de quem se foi e possam realizar um rito de passagem. No filme, Eunice Paiva representa as pessoas que, por meio da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, puderam emitir atestado de óbito de seus entes, após busca pela verdade e pela justiça

<sup>1</sup> Acadêmicas do curso de Psicologia. [melissaoliveirafranca@academico.unifimes.edu.br](mailto:melissaoliveirafranca@academico.unifimes.edu.br)

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia



que perdurou por anos, enfrentando a censura, o silêncio e a falta de reconhecimento do Estado sobre os crimes cometidos durante a ditadura militar e, principalmente, contra seu esposo, Rubens Paiva. A discussão traz que a falta de um desfecho dos desaparecidos mantém os familiares presos a um ciclo, ocasionando o sofrimento psicológico e social. O direito à memória e à justiça são significativas para a reparação das vítimas, pois permitem a elaboração simbólica do luto e evitam que as violações do passado sejam esquecidas para que não se repitam. No contexto do filme, a trajetória de Eunice ilustra a resistência ao esquecimento e a importância da memória coletiva como forma de enfrentamento da violência de Estado. Concluiu-se que a verdade e a justiça desempenham um papel importante na superação do luto de familiares de desaparecidos forçados. O filme Ainda Estou Aqui, ao nos mostrar essa luta, reforça a necessidade de políticas públicas de resgate da memória e reparação, pois reconhecer os crimes do passado é um passo para evitar a repetição das violações de direitos humanos no presente.

**Palavras-chave:** Luto. Desaparecimento forçado. Ditadura Militar. Psicologia.

**Keywords:** Mourning. Forced disappearance. Military dictatorship. Psychology.